

Distribuição gratuita

Jornal da

FAMERJ

Centro de Pastoral Vergueiro

08 MAR

SETOR DE DOCUMENTAÇÃO

Ano V — Nº 43

Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro

Fevereiro de 1988



A FESTA DOS 10 ANOS

Expediente

Órgão Oficial das
Associações de Moradores
do Estado do Rio de
Janeiro — Rua Visconde do
Rio Branco, 54 — Centro —
Tel.: 224-6586 Rio de
Janeiro — CEP 20060.

Diretoria:

Presidente: Almir Paulo de
Lima

1º Vice: Roberto Matos de
Souza

2º Vice: Eliezer de Oliveira

3º Vice — Hélio Ricardo
Leite Porto

Secretário Geral: Aluisio
Pampolha Bevilacqua

1º Secretário: Edilson
Neves Gomes

2º Secretário: Homero
Pereira de Souza

Tesoureiro Geral: Vitor
Mota Pereira da Silva

1º Tesoureiro: Maria
Angela Ferreira de Souza

2º Tesoureiro: Reginaldo
Fernandes Ribeiro

Diretor Jurídico: Francisco
de Assis Freitas

Diretor de Imprensa e
Divulgação: Athayde José
da Motta Filho

Diretor de Cultura:
Rosimere Rodrigues
Pereira

Diretores sem pasta: Vera
Lúcia Moderno de Sá
Vianna
Jeane Conceição Faria da
Velga
José Leonel de Souza
Celso Felizola Santos
Marly Helena Pereira
Adel Carlos Olímpio
Edith Thompson Homem
de Mello
André Luiz Costa Paula

Ano V — Nº 43
Diretor Responsável:
Athayde Motta
Editor: Nêlly Vaz Branco
(RJ 18.695)
Jornalista Responsável:
Carlos Franco (RJ 18.693)
Colaboradores: Domingos
Fernandes, Márcio
Welchert, Rosane Hatab e
Vanderlei Campos.

Composição, Montagem,
Fotolito e Impressão:
Gráfica Editora Jornal do
Comércio S/A.
Tiragem: 10 mil
exemplares.

Editorial

Resistir, renovar, vencer.

O ano se abre em possibilidades diversas para o movimento comunitário. Será? Alguns acreditam que os desafios são os mais difíceis. Temos um péssimo governo em Brasília, um péssimo governo no Estado e um "Governo-Comunidade" que vem usando o nome do movimento para "maquiar" posturas incoerentes e atrasadas.

Mas as diferenças funcionam como uma espécie de estímulo, o que aliado a uma determinação que é típica do movimento, talvez faça com que consigamos enfrentar este ano e dar a esperada resposta política que há muito necessitamos.

Nos seus 10 anos, a Famerj enfrenta uma crise política que já se arrasta há anos e uma situação administrativa e financeira que pode ser chamada, no mínimo, de instável, resultado da falta de uma política administrativa formulada pelo movimento ou proposta pelas diretorias anteriores. Isto nunca foi feito e as soluções passam, sem dúvida, por uma profunda discussão e avaliação do nosso atual estágio feita por cada associação de moradores, cada liderança comunitária, cada diretor.

Nesse sentido, o show "10 anos Famerj", além de comemorar seus 10 anos de luta, teve também o intuito de jogar a Famerj nas ruas, na boca do povo, além de ter se constituído, pela própria natureza da entidade, num inegável e belíssimo ato cultural e político, superando suas falhas de organização.

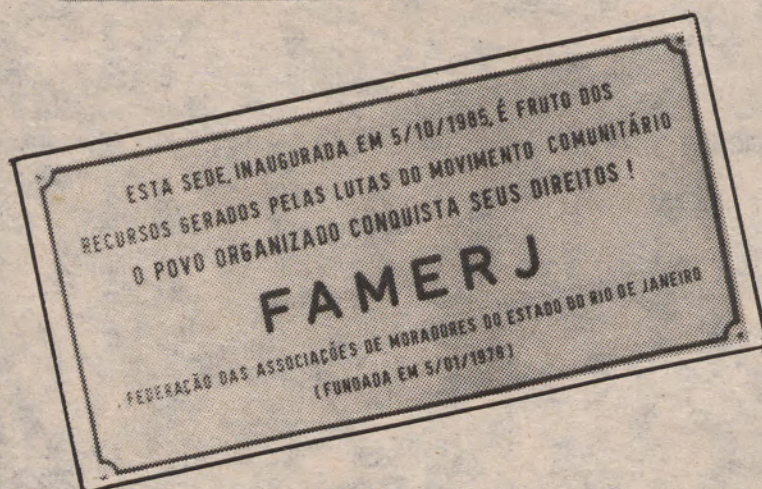
Esse jogar a Famerj nas ruas, na boca do povo, significou politicamente um grande tento. Neste estágio

em que o movimento não responde mais a atos e passeatas e que as lideranças comunitárias são ameaçadas pelo freqüente questionamento que promovem, era necessário sacudir o marasmo, mostrar que ainda somos um movimento organizado e que podemos, com disposição e luta, ocupar as ruas e a opinião pública pelas nossas reivindicações e direitos, transformando cada associação de moradores num espaço de intensa discussão, onde a população aprenda, tendo a si como mestre e crítico, que as mudanças nas condições de vida repousam mais no exercício pleno e constante dos seus direitos, assim como no seu engajamento na luta pela transformação da atual sociedade, que deve ser praticado por cada um, do que colocar-se na posição, muitas vezes cômoda, de confiar naqueles que são eleitos em cima de plataformas vazias, em seus falsos compromissos com as reivindicações do movimento popular.

Neste número, que introduz uma nova programação visual ao Jornal da Famerj, trazemos uma reportagem fotográfica e uma retrospectiva dos 10 anos de lutas da Federação. A Diretoria parabeniza os que participam do movimento comunitário pelo nosso aniversário e convoca todos desde já, a se reunirem no próximo Conselho de Representantes, em data a ser marcada, para que juntos possamos discutir os rumos que a Famerj precisa tomar neste 1988, que promete grandes surpresas.

Parabéns! Feliz 88!

A Diretoria.



Depois de passar por várias sedes provisórias a FAMERJ finalmente conseguiu construir o seu local definitivo de trabalho. Fruto dos recursos gerados pela luta dos mutuários, a sede da rua Visconde do Rio Branco, 54, é dotada de uma infra-estrutura capaz de dar suporte ao crescimento político da entidade.

A inauguração foi em 5 de outubro de 85 e contou com a presença de diversas autoridades e representantes do movimento comunitário e sindical.

Atualmente, o movimento vem tentando racionalizar o uso da sede que, embora seja um espaço privilegiado, não vem sendo devidamente utilizado em todo o seu potencial. A sede da Famerj precisa ser, não só um local de referência, mas também um pólo de convergência e divulgação de todas as lutas desenvolvidas pelas comunidades.

Por isso mesmo, utiliza, da melhor forma possível, este espaço que pertence à comunidade organizada do Estado do Rio de Janeiro, e a todos os que lutam, lado a lado com a população, pela melhoria das condições de vida.



Rua Visconde do Rio Branco, 54 — o endereço das lutas comunitárias

10 anos de história

A necessidade de gritar, exigir, cobrar e principalmente criar alternativas para enfrentar e derrubar a ditadura militar, instalada no país há muitos anos, foram os ingredientes essenciais para que uma luta específica como a da defesa do Forte de Copacabana — ameaçado pela especulação imobiliária — resultasse no embrião de criação da Federação das Associações de Moradores do Estado do Rio de Janeiro, a FAMERJ.

As várias AMs e entidades do movimento popular que lideraram esta luta, entenderam a importância da aglutinação de forças, e tiveram a idéia de estender a experiência para outras áreas do Município do Rio de Janeiro.

A SEMANA DE DEBATES DO RJ

Foi então que a partir de junho de 77, diversas associações de moradores foram convocadas, através da imprensa, a participar em reuniões com a finalidade de organizar e definir os objetivos de um encontro de entidades representativas das diversas comunidades do Município. Surgiu assim, a idéia da I Semana de Debates do Rio de Janeiro, que visou trocar experiências, fortalecer e estimular a criação de novas associações de

moradores.

O encontro foi realizado em outubro de 1977, na Associação Brasileira de Imprensa, e contou com a participação de cerca de 40 AMs e entidades profissionais. Em plenária, foi

um grupo de associações que participou da Semana de Debates fundou, no dia 5 de janeiro de 1978, a FAMERJ que tinha como principais objetivos:

histórico, artístico e paisagístico;

- Estimular, promover e ajudar a criação de novas AMs;

ano, teve como principais funções, ampliar o número de associações, estruturar a entidade no que diz respeito a sede, levantar recursos financeiros, etc.

Nesses 10 anos a FAMERJ participou intensamente do processo de organização social, político e econômico desse Estado, tendo contribuído, de forma marcante, para mostrar o que pensam e desejam as comunidades organizadas de seus governantes, nos diversos setores de nossa vida. Esta participação confere hoje, à entidade, o mérito do reconhecimento no que concerne ao seu potencial de mobilização e como "registro vivo" da história da luta de um povo em busca de seus direitos e garantia da participação ativa e democrática.

No tocante à sua estrutura interna, a Famerj é hoje muito mais do que uma esperança no trabalho de organização, de conscientização e de politização do cotidiano das comunidades. Seu trabalho de unificação de lutas chega hoje a 870 associações filiadas distribuídas por 20 Federações Municipais e 11 Zonais da Capital (Rio de Janeiro) envolvendo diretamente, um total aproximado de 10 mil líderes comunitários.



discutida a necessidade de criação de uma entidade que mantivesse um intercâmbio entre as associações de moradores. Assim,

- Congregar associações de moradores;

- Defender a melhoria das condições de vida;
- Preservar o patrimônio

- Defender os interesses da coletividade do Estado do RJ.

A diretoria provisória eleita, com mandato de 1

Famerj em três tempos

I Congresso

O Primeiro Congresso Estadual da Famerj aconteceu num momento político em que o país sofria os abalos de uma inflação de mais de 200% ao ano, e o nível de desemprego chegava a 4 milhões de trabalhadores.

De 27 a 29/05/83, na Uerj — Universidade do Estado do Rio de Janeiro — cerca de 1300 delegados, que representavam 170 AMs, discutiam pontos importantes do movimento que englobavam as lutas específicas e as lutas gerais.

Dentro da discussão específica entraram as lutas de saúde; saneamen-

to básico e meio ambiente; educação e cultura; transporte coletivo; violência urbana; uso do solo e especulação imobiliária; posse da terra e loteamento; conjuntos habitacionais e BNH; comunicação e abastecimento. As questões Gerais foram aprofundadas, tendo sido tomadas várias resoluções no sentido de avançar na luta pela democratização do exercício da cidadania e das relações com o governo.

O presidente da entidade, na época, Jó Rezend, concorreu à reeleição, encabeçando a chapa única, que foi aclamada pela Plenária Final do I Congresso Estadual da Famerj.

II Congresso

No segundo Congresso da Famerj, que aconteceu nos dias 31/05, 1 e 2/06/85 na Uerj, a situação do País não era diferente, a inflação galopante enlouquecia o bolso e a cabeça dos trabalhadores brasileiros. Na política, as reivindicações mais prementes do povo eram pelas eleições diretas para Presidente da República e pela convocação da Assembleia Nacional Constituinte livre e soberana.

As principais deliberações das lutas Gerais ficaram em torno da Constituinte, da Dívida Externa brasileira e da Reforma Agrária. As questões específicas discutidas foram as mesmas do I Congresso.

Nesse Congresso concorreram duas chapas à diretoria da Famerj. A primeira encabeçada por Roberto Matos, da AMA Cacau e a segunda, por Francisco Alencar, da AMA da Praça Saes Peña, que foi a chapa eleita.

III Congresso

Os participantes do III Congresso sofriam os reflexos da desmoralização do Plano Cruzado e do maior arrocho salarial da história de nosso País.

Com algumas modificações este Congresso foi realizado em dois momentos. O primeiro, nos dias 29, 30 e 31/05/87, na UERJ, onde houve a discussão dos grupos que se

subdividiram em: lutas específicas, gerais e nacionais. O papel do movimento comunitário na sociedade foi um dos pontos de destaque deste Congresso.

Das três chapas que concorreram à eleição da nova diretoria da entidade, uma se retirou. As duas concorrentes foram encabeçadas uma por Sérgio Andréa, da AMA Botafogo e a outra por Almir Paulo de Lima, da AMA Mapuá, que foi a vitoriosa

O segundo momento do Congresso foi no dia 12/07/87, também na UERJ, onde se deu a Plenária Final ficando as deliberações sobre a Estrutura do Movimento para o Conselho de Representantes.

A Famerj e suas lutas

Saúde

A luta pela saúde é uma das mais antigas da FAMERJ. Vários movimentos populares já reivindicavam a melhoria do sistema e, ao ser criada em 1978, a Federação logo assumiu uma posição de liderança nesta luta, procurando articular todas as forças.

A participação mais efetiva da FAMERJ começou em junho de 1979, quando o Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro realizou um debate na ABI para divulgar uma proposta de política de saúde para o município. Mais de mil profissionais do ramo, autoridades e representantes de entidades e movimentos populares compa-

de todos sobre a dimensão social da saúde. Em um documento, o Sindicato dos Médicos afirmava que "a questão não se esgota no âmbito da medicina e nem está vinculada apenas à assistência médica, mas liga-se especialmente à qualidade de vida das pessoas", incluindo as condições de moradia, trabalho, alimentação, saneamento, transporte e lazer.

Aos poucos o movimento conquistou, isoladamente, algumas vitórias, como a reabertura e/ou reforma de postos de saúde e hospitais, até que, em 1984, a FA-

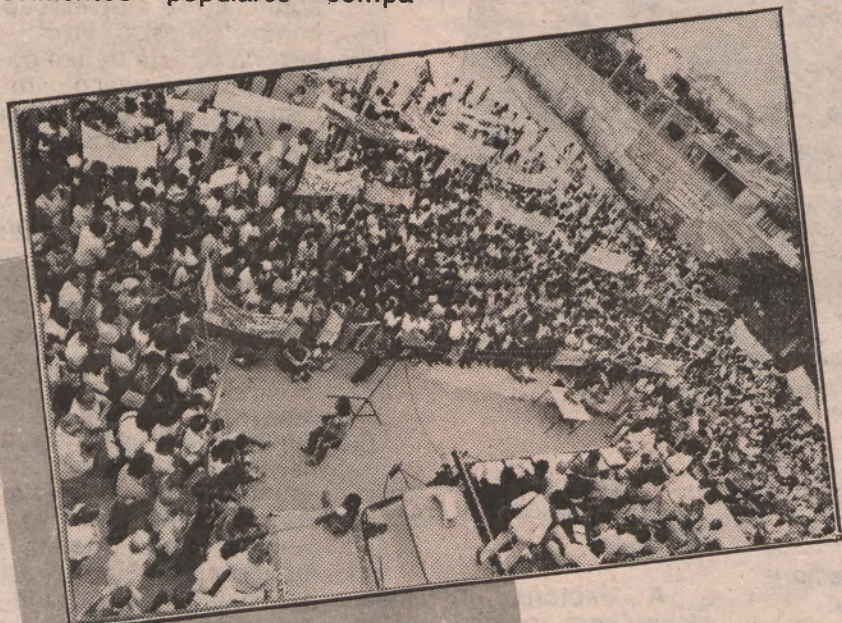
trolam 70% da área de saúde, desde a produção de remédios e insumos até a assistência médica. O Encontro decidiu que o movimento deve pressionar os governos para definir o papel do setor privado, embora a estatização do setor seja apontada como a melhor solução.

Na análise dos participantes, a democratização do poder público através da participação da FAMERJ nos CIMS, CGC, e GEL's é illusória, pois estes órgãos jamais chegaram a ser realmente deliberativos. A Reforma Sanitária da Nova República também tem servido apenas como objeto de propaganda governamental, limitando-se à reorganização dos serviços públicos, sem definir a relação destes com o setor privado e buscando, até mesmo, uma harmonia com o último.

Para organizar e unificar o

movimento popular pela saúde, o Encontro resolveu criar uma Coordenação Estadual de Luta pela Saúde, publicar um boletim com temas da área para serem debatidos, fortalecer os movimentos regionais e fazer com que eles deem continuidade aos debates do encontro. Os participantes irão reivindicar, ainda, a discussão pública do orçamento das secretarias de saúde. No encontro, também discutiu-se a saúde da mulher, do trabalhador e a saúde mental.

Ao completar dez anos, a FAMERJ considera como sua maior vitória na área de saúde, a conscientização das lideranças populares de que a questão não se restringe à assistência médica e a certeza de que a perspectiva da luta pela saúde é de mais conquistas.



I Encontro Popular pela Saúde — Cidade de Deus

receram ao debate. Presente, a FAMERJ criticou o documento: a linguagem era demasiado técnica e, embora falasse de participação comunitária, não apresentava mecanismos concretos para isto.

E assim, médicos e movimento comunitário passaram a trabalhar juntos pela melhoria da saúde. Criaram-se comissões nas comunidades que levantaram as condições de vida e saúde locais. A partir desta ação na base, surgiu a idéia de se realizar o I Encontro Popular de Saúde do Rio de Janeiro para uma troca de experiência e organização do movimento.

Em setembro de 1980, três mil representantes dos movimentos de moradores de favelas e de sindicatos além de algumas autoridades municipais e estaduais, se reuniram na Cidade de Deus, Rio, para o primeiro grande encontro de massa da FAMERJ. Os relatórios com as reivindicações do Encontro foram entregues às autoridades, mas não houve mudança no tratamento dado pelos governos à questão da saúde.

O maior ponto positivo do I Encontro foi a tomada de consciência

MERJ foi convidada para participar das Comissões Interinstitucionais Municipais de Saúde (ACIMS), encarregadas do planejamento da política de saúde e da coordenação de Ações Integradas do Ministério da Saúde com o INAMPS e as Secretarias Municipais e Estadual de Saúde. Hoje, a FAMERJ faz parte também dos Conselhos Governo-Comunidade (CGC) da prefeitura carioca e dos Grupos Executivos Locais GEL's.

Depois de sete anos, a FAMERJ realizou em novembro do ano passado o II Encontro Popular de Saúde para atualizar as discussões, analisar as políticas governamentais, avaliar as relações com os profissionais da área e formular uma proposta política de saúde dos movimentos populares.

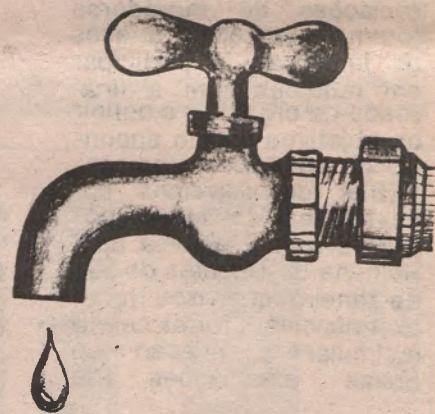
Os 300 representantes populares sindicais e das universidades, além de profissionais do ramo, vindos da capital, baixada, interior e até de outros estados, presentes ao Encontro, concluíram que o setor privado é demasiado privilegiado pelos governos. Atualmente, as empresas privadas con-

As Associações de Moradores entendem que seus problemas são fruto de uma política governamental centralizadora, nem sempre voltada para os seus interesses reais. Dessa forma, a solução para os seus problemas passa pela verdadeira democratização do país. A descentralização inclui a autonomia dos municípios e governos estaduais. Assim, os recursos devem ser entregues aos respectivos governos para serem aplicados nas obras de saneamento básico, por exemplo, obedecendo as prioridades de cada região.

Apesar de todos os esforços das Federações das Associações de Moradores da Baixada Fluminense (MUB-MAB-ABM) pouco ou quase nada foi feito neste sentido por lá. Em contrapartida, também a Barra da Tijuca e Jacarepaguá, estão na luta. Se de um lado a falta de esgotos, água potável e drenagem dos rios preocupam os moradores da Baixada, na Barra e Jacarepaguá a situação pode ficar muito séria se o emissário submarino for realmente construído na região, sem as lagoas de estabilização.

São situações muito graves, contra as quais os moradores estão lutando, pois afinal, no Rio de Janeiro quando chove, os estragos são tão grandes e problemáticos, que só uma solução definitiva pode trazer tranquilidade para a população.

Em muitos bairros da Baixada as pessoas convivem com as valas abertas que conduzem o esgoto sem nenhum tratamento ou proteção. Apesar da promessa do Governador Moreira Franco de sanear toda a região, o andamento



das obras não responde às necessidades dos moradores.

No mês de outubro de 1987, representantes de diversas comunidades participaram com a Famerj, da Plenária de Saneamento para definir as reivindicações gerais e implementar a unificação das lutas de todo o Estado. O Comitê Político de Saneamento da Baixada foi ampliado e outras comunidades (Jacarepaguá, Barra e São Gonçalo) passaram a compor o grupo junto à São João de Meriti, Duque de Caxias, Nova Iguaçu e Nilópolis.

Apesar de haver problemas diferentes em cada região, é necessário que se discuta um plano de lutas para todo o movimento popular.

Dentre as medidas aprovadas nos Congressos da Famerj, as principais são: campanhas de vacinação e de educação sanitária; tratamento de despejos industriais; criação de redes de esgoto sanitário acompanhadas por estações de tratamento biodigestor; cumprimento das exigências legais para os loteamentos e dragagem e canalização dos rios, entre outras.

Comunicação

Com o crescimento do movimento comunitário, a Famerj verificou a importância da presença de um canal de comunicação, com o objetivo de desenvolver e consolidar o movimento.

Nesses 10 anos foram criados e desenvolvidos vários programas entre eles: o programa radiofônico

— Busca de patrocinadores, com o objetivo de financiar o jornal.

— Desenvolver um sistema de distribuição.

— Contar com um serviço sistemático de diagramação e ilustração.



“Comunidade em Movimento”; o Jornal da Famerj e o Boletim do Mutuário. Além de plenárias de comunicação. Abaixo o histórico dessas atividades de comunicação.

Programa “Comunidade em Movimento” — O primeiro programa foi ao ar, pela Rádio Roquete Pinto, no dia 27 de agosto de 83, com 30 minutos de duração. De abril de 1984 até outubro do mesmo ano, o programa não foi ao ar, por motivos de censura. No dia 27 de outubro o programa foi liberado. Em março de 1987, após a posse do governador Moreira Franco, o programa foi retirado do ar. A Famerj tentou diversos contatos, no sentido de trazer o programa de volta, sem êxito. O programa “Comunidade em Movimento” abordava sempre um assunto ligado diretamente à realidade das associações e abria espaço para a participação das lideranças comunitárias.

JORNAL DA FAMERJ — No segundo semestre de 84 foi criado o Jornal da Famerj, com 12 páginas e periodicidade bimestral (mais tarde passou a ser mensal). O jornal tem uma tiragem de 10 mil exemplares e é dirigido às associações de moradores dando espaço para a sua participação. Durante esses 10 anos a equipe de comunicação desenvolveu algumas propostas como:

— Ampliar a sua equipe, garantindo a participação das associações e Conselhos Zonais e Municipais.

— Desenvolver a venda de assinaturas.

— Redigir o Editorial com uma linguagem mais coloquial.

— Expandir o espaço da coluna “Rápidas e Diretas”.

— Estimular os boletins e jornais das associações de moradores.

Em relação à **Assessoria de Imprensa** da Famerj: Desenvolver um trabalho junto às estações de rádio, TVs, jornais e revistas.

— Aprofundar relações com a grande imprensa.

— Assessorar o movimento quanto aos direitos que são garantidos pela legislação e a ética relativas aos meios de comunicação.

— Realizar coletivas e atender à grande imprensa.

BOLETIM DO MUTUÁRIO — vem sendo produzido regularmente e tem atingido o seu objetivo, que é de atender às necessidades de informação dos que estão na luta contra o Sistema Financeiro de Habitação.

O Departamento de Comunicação desenvolve esforços junto às emissoras de rádio, para que dêem maior cobertura as associações, além de ter como proposta a aquisição de uma rádio AM/ FM.

Em dezembro de 85, foi ao ar o programa “Espaço Comunitário” uma produção independente, que

tinha como objetivo abordar os temas referentes ao movimento organizado dos bairros e das favelas.

O programa teve uma audiência de 90 mil telespectadores, tornando-se o segundo colocado na programação da TVE.

Formavam a comissão editorial do programa a Famerj, a Faferj e a Pastoral das Favelas. O “Espaço Comunitário” teve um sucesso enorme perante a sociedade, e

acabou contando com o apoio e o respaldo da Associação Brasileira de Imprensa (ABI).

A partir de agora, o objetivo principal é restabelecer as plenárias de comunicação, desta vez com um grupo constante e produtivo, para que os militantes do movimento comunitário possam colaborar efetivamente na elaboração dos veículos de comunicação da Famerj, em conjunto com os profissionais da área.

Transportes

O transporte público é um serviço fundamental e jamais pode ser objeto de lucro. Por isso, a Famerj nesses 10 anos de luta vem brigando pela sua estatização.

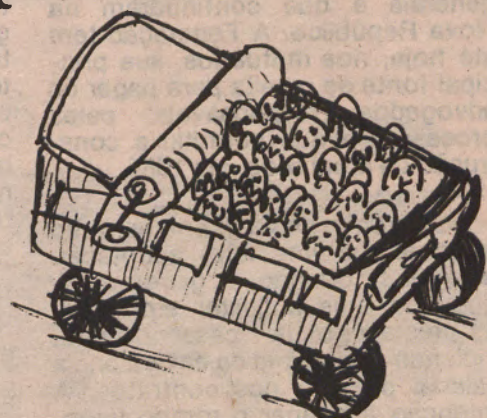
A entidade encaminhou as seguintes formas de lutas relacionadas a transporte: a) Plenária de Transporte (formada pelas comissões de transporte das associações e coordenada por membros da diretoria da Famerj), o objetivo é dar continuidade às lutas e garantir a centralização das informações; B) formação de um grupo de trabalho composto pela Famerj e sindicatos (rodoviários, metroviários, engenheiros), com o objetivo de dar subsídios técnicos e políticos, para a formulação de propostas, e mesmo de projetos de lei, que regulamentem as questões relativas aos transportes coletivos: É de fundamental importância que a comissão de transportes da Famerj, desenvolva um trabalho junto com a Assembléia Legislativa e a Câmara dos Vereadores.

A FAMERJ durante esses 10 anos levantou e encaminhou algumas “bandeiras” de luta:

— Ampliação da CTC; Participação das associações de moradores no controle da concessão de linhas de ônibus; Criação de um comissão técnica e política da Famerj, relacionadas a transporte público; Fim dos monopólios dos transportes; Passe livre, para os desempregados há mais de três meses; Passe livre para estudantes do 1º grau e meia passagem para os de 2º e 3º graus; Controle das empresas particulares quanto aos preços, roteiros, horários, qualidade, segurança e rampa para deficientes físicos; Extensão do Metrô até Pavuna; Eliminação do turno único; Ampliação das linhas férreas e estímulo às hidrovias (Ilha e São Gonçalo); Garantir a circulação dos ônibus durante as 24 horas do dia; Pelo congelamento das passagens.

O trabalhador tem sido “violento” e “usurado”, no seu salário, pois só no ano de 87 as passagens de ônibus tiveram um aumento de cerca de 1039%. Sem mencionar o péssimo estado em que se encontram os ônibus, onde a população sai perdendo e os empresários usufruem do dinheiro do trabalhador.

O sistema ferroviário sofre com a falta de peças, para a manutenção dos trens. A canalização —



retiradas de peças de composições para consertar outras — provoca a paralisação dos trens. A decisão da Rede Ferroviária Federal de reduzir em 40% o número de composições em funcionamento, alegando economia de energia prova mais uma vez como o trabalhador é agredido.

O Sindicato dos Ferroviários considera de grande importância a articulação com as Associações de Moradores. Para eles, a ramificação do trabalho que já vem sendo feito pela Contrem — Comissão de Trens, que atua junto às associações de Campos Eliseos e Saracuruna, entre outras é fundamental para mobilizar, conscientizar e esclarecer a população sobre os problemas que envolvem a Rede Ferroviária Federal e a categoria.

Quase todos os problemas que são enfrentados, hoje, pelo sistema metroviário, são provenientes da não-fiscalização das obras previstas no projeto inicial.

A não construção do trecho que liga a Linha 2 diretamente à Estação Carioca, que foi projetada para atender a um grande número de passageiros, que não precisariam fazer baldeação, para chegar ao Centro da cidade, faz com que o serviço da linha 2 seja encerrado às 20 horas. Com isso, os trabalhadores de baixa renda são mais uma vez discriminados e obrigados a irem até o Estácio, para pagarem a Linha 2.

Para a direção da categoria dos metroviários, a participação das Associações de Moradores é fundamental, pois só a população organizada é capaz de pressionar e brigar por melhores condições do serviço oferecido e lutar pelo não aumento das passagens do metrô.

O Sindicato dos Metroviários afirma que sempre trabalhou junto às comunidades, principalmente através da Famerj, por reconhecê-la como sua maior representante.

Habitação

Não podia ser diferente. Uma entidade de moradores tinha que se preocupar com a política habitacional. Nestes dez anos, a Famerj liderou no Rio o movimento dos mutuários do antigo BNH e da Cehab contra os aumentos das prestações acima dos reajustes salariais, denunciou a especulação imobiliária no estado e combateu as abusivas elevações do IPTU e dos alugueis.

Com essa luta, a Famerj virou notícia, desmascarando na Justiça as manobras do último governo de generais e que continuaram na Nova República. A Federação tem até hoje, nos mutuários, sua principal fonte de receita para pagar os advogados responsáveis pelos processos e que permitiu a construção da atual sede, em 1985.

O estopim desta guerra (é muito mais do que uma luta) aconteceu em 1983, quando o governo Figueiredo quis reajustar em 130% as prestações da casa própria, violando o princípio da equivalência salarial previsto nos contratos. A intenção era tapar o rombo financeiro do BNH, causado pelo desvio de verbas e pela má administração do Sistema Financeiro da Habitação. Para quem não se lembra, os reajustes salariais eram semestrais e abaixo do INPC, isto é, da inflação.

Os mutuários não agüentaram pagar o aumento e em outubro daquele ano, 50 mil brasileiros entraram com mandados de segurança na Justiça contra o reajuste, sendo 12 mil no Rio, liderados pela Famerj. Sem poder pagar as prestações, os mutuários viram-se ameaçados de despejo e se uniram mais ainda para lutar pelo direito à casa própria.

O movimento cresceu rapidamente. Em janeiro de 1984, já havia 100 mil mandados na Justiça. As manifestações em protesto contra a política habitacional eram constante. Em maio, a Famerj realizou com os mutuários um ato público em frente ao BNH para o lançamento da "Cartilha do Mutuário", com explicações sobre as desvantagens das opções de mudança de contrato oferecidas pelo governo e orientações sobre o que fazer. Com a companhia, o número de ações judiciais contra o BNH chegaram a 200 mil em todo Brasil e 60 mil no Rio, em agosto.

Após longo silêncio, a direção do BNH recebeu a Coordenação Nacional dos Mutuários, quando a Justiça Federal reconheceu o direito à equivalência salarial garantido nos contratos, através de 260 mil liminares. Na ocasião, conquistou-se a suspensão dos despejos e o direito de participação dos mutuários nas comissões permanentes do BNH, além da fixação de limites percentuais dos valores das prestações sobre os salários.

Em fevereiro de 1985, os mutuários vencem no Tribunal Federal de Recursos, ao acusar o BNH de alteração e desrespeito aos contratos e agiotagem financeira, além de apontar o fantasma da inadimplência que em maio atingiu 70% dos mutuários.

Apesar do início da Nova República, a política governamental não mudou e o Procurador Geral da República levou o conflito para o Supremo Tribunal Federal, argumentando que os contratos entre os mutuários, os agentes financeiros e o BNH eram administrativos e não mútuos, o que garantiria ao banco alterar os contratos sem consultar as outras partes. O procurador alegou ainda que o banco ficaria inviabilizado financeiramente se não houvesse correção monetária plena. Reconhecendo os direitos dos mutuários e sua inocência quanto ao rombo do BNH, o STF se negou a

linos.

Hoje, a Famerj luta por uma política habitacional que vise a construção de residências populares e que garanta infraestrutura aos futuros moradores,

tais como saneamento e transporte. Quanto aos processos judiciais, há uma reformulação em busca de novos argumentos, já que muitos juízes têm dado novas interpretações à lei.

Loteamentos

No Rio de Janeiro existem 427 loteamentos clandestinos, onde moram cerca de 200 mil famílias, que fazem um esforço enorme para pagar as prestações de seus lotes a um loteador, que não cumpre suas obrigações.

Devido a omissão do poder público, essas famílias são brutalmente exploradas pelos loteadores e os lotes em que moram carecem de infra-estrutura básica.

No 1º e 2º Congresso da Famerj foram tiradas algumas propostas de encaminhamento de luta:

— Elaboração com a população organizada de uma lei sobre o uso do solo e desenvolvimento urbano.

— Realização de plenárias de loteamentos pelas associações, em cada município.

— Mobilização constante das associações de cada município, para pressionar os governos locais.

— Promoção de debates pelas associações de moradores.

Nesses 10 anos a Famerj conseguiu grandes vitórias como a formação do Núcleo da Procuradoria do Estado, que foi criado há três anos através da organização e mobilização do movimento. O objetivo do Núcleo é debater os processos encaminhados, seus problemas e os possíveis encaminhamentos, para os loteamentos. Outro objetivo do Núcleo é debater a construção de uma política de loteamento. A Famerj e as comunidades também participam do núcleo.

Outra conquista foi as ações criminais contra os loteadores, encaminhadas pelo Ministério Público, além das suspensões de leilões e outros problemas, defendidos pela Defensoria Pública.

Outras vitórias importantes:

— A minuta do Prefeito isentando os moradores de loteamentos irregulares de pagar IPTU, enquanto não se realizar a urbanização.

— Decreto que elimina a exigência de reconhecimento dos logradouros públicos para realização de qualquer obra.

— Reconhecimento por parte da Prefeitura de que ela é a responsável pela realização de obras e enquadrar os loteadores inescrupulosos criminalmente e retirar o seus bens.

O Novo Projeto de Lei de Desenvolvimento Urbano se propõe, basicamente, em regular a ocupação do município, direcionar, através do planejamento urbano, o crescimento da cidade, delimitando as zonas de uso residencial, comercial, industrial, de serviços e agrícolas. Além disso, a lei irá regular a intensidade dessa ocupação (quantidade de construção, relação entre a área construída e a superfície do solo) e a forma de dividir e agrupar o solo. Apresenta, também, diretrizes gerais para regular as construções de prédios e a proteção ao meio ambiente, abrangendo toda a superfície do município, desde as áreas construídas ou loteadas, quanto aquelas de uso agrícola e de reserva florestal.



Moradores de Inhoaiba pedem ao BNH que impeça despejos — 1982

atribuir a eles o virtual colapso do Sistema Financeiro da Habitação.

No ano de ouro do governo Sarney, o movimento acumulou julgamentos desfavoráveis e vitórias no STF. Quando a ilusão do Plano Cruzado acabou, o governo extinguiu o BNH, passando suas atribuições para a Caixa Econômica Federal. A medida paralisou o SFH e deixou a construção civil numa crise sem perspectivas. Mutuários e funcionários do banco se uniram, afinal o movimento queria a reformulação do SFH e não o fim do BNH.

Imediatamente, a Famerj, a OAB, o IAB, a Prefeitura do Rio, a Associação dos Funcionários do BNH, a CUT, o Centro Acadêmico Cândido Mendes e vários partidos políticos iniciaram uma **Campanha Nacional em Defesa da Moradia**. Entre as reivindicações da campanha, figuram a criação da Agência Nacional de Habitação, o combate à especulação imobiliária e financeira, o controle dos alugueis, a descentralização da política de habitação e o fim dos despejos de mutuários e inqui-

— Legalização e urbanização dos loteamentos clandestinos e irregulares.

— Definição de uma política e estabelecimento de condições de legalização através da criação de um órgão que centralize, todos os municípios, a aplicação da lei 6766/79.

— Suspender os pagamentos das prestações de loteamento aos loteadores e depositá-lo numa conta em um banco estatal.

— Processar criminalmente os loteadores inescrupulosos.

— Que se priorizem verbas no município para a urbanização e saneamento, dos loteamentos de acordo com a legalização.

— Cadastramento das áreas de loteamentos irregulares.

— Maior controle por parte das prefeituras na cobrança de impostos feitos pelos loteadores.

SHOW DA FAMERJ

Foto Vanderlei Campos

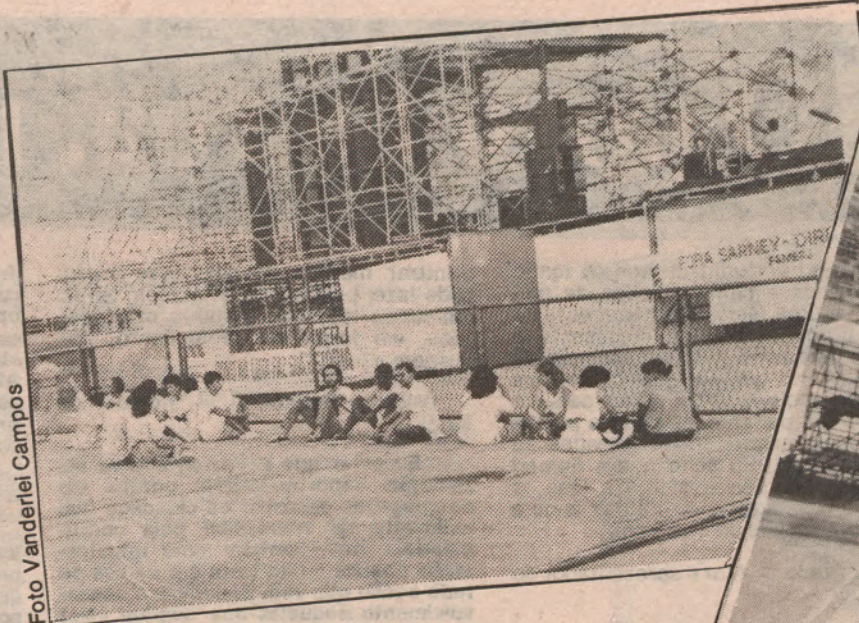


Foto Márcio Riscado

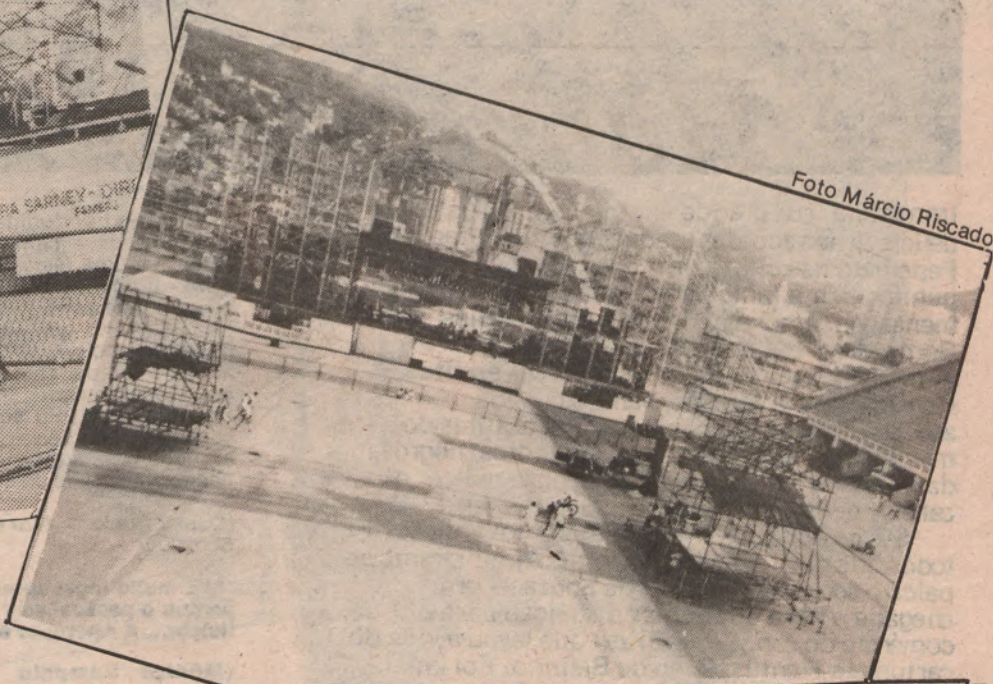


Foto Márcio Weichert

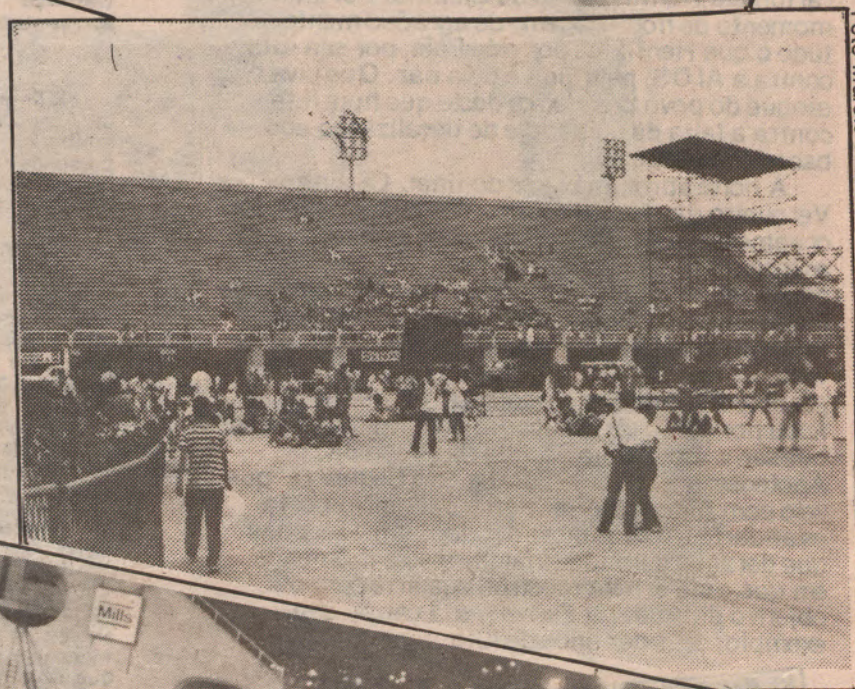


Foto Márcio Riscado



Foto Márcio Weichert

Praça da Apoteose. Templo de uma das nossas maiores festas populares: o Carnaval das escolas de samba. Local onde o povo celebra sua identidade com alegria e emoção, com corpos suados, muito samba e muita vitalidade.

15 de janeiro de 1988 — Praça da Apoteose: o carnaval do povo começou mais cedo para comemorar os **DEZ ANOS DE LUTA DA FAMERJ**. Um show alegre e descontraído, perfeitamente integrado a este espaço, ao clima do Rio de Janeiro. Época de verão, de sol e São Sebastião — elementos importantes da tradição, cultura e existência do Rio.

Desde cedo militantes, funcionários, diretoria e colaboradores trabalhavam no apronte final do espetáculo. Pega daqui, leva pra ali; puxa, empurra; gritos, instruções; datilografa isso rapidinho? Era um esforço conjunto e por quê não dizer comunitário? — para concretizar um projeto: tornar acessível para uma grande camada da população — a apresentação de grandes artistas da nossa música e da nossa arte.

O sol ainda raiava quando o público, lentamente, começou a chegar e se acomodar escolhendo os melhores lugares. Sua presença não parou de aumentar até a madrugada — nas primeiras horas do dia 16, ainda entravam centenas de pessoas.

A festa aconteceu e, desde o princípio, percebíamos um momento bonito, significativo; um momento com cheiro de samba; reggae; salsa; chorinho; paz, amor, vida, movimento político organizado das comunidades; um momento com a cara da FAMERJ.

Almir Paulo de Lima, Presidente da entidade, deu início à noite com palavras de luta e um grito de confiança de que o povo que estava ali estava fazendo aquele Show. Um dos primeiros a se apresentar o Deo Rian e Noites Carlocas, encantaram a platéia com chorinhos de Pixinguinha e companhia. A energia romântica e intimista produzida pelos acordes dos violões e cavaquinhos tomou conta da Apoteose. Todos cantaram "Carinhoso" e muitos casais dançavam na pista e nas arquibancadas "coladinhos".

A Banda da Terra com seu reggae e sons afro-baianos enlouqueceu a platéia. O astral estava altíssimo. Cada um dançava à sua maneira. Comandados pelo vocalista da Banda, o povo executava com muita animação, a dança da galinha, do jacaré e outros bichos.

Se a alegria e a descontração tonificavam a ocasião, um ar de movimento também se fazia presente. Centenas de companheiros vindos de diversas partes da cidade e regiões do Estado, que trabalham na luta popular, através das Associações de Moradores, compareceram para ajudar a fortalecer a sua Federação, além de se divertirem. Este grupo é unânime ao apontar a FAMERJ como um instrumento importante na política social deste Estado, reconhecendo ainda a necessidade de intensificar e organizar os movimentos comunitários.

O show prosseguia. Grandes nomes da música popular brasileira sucediam-se no palco: Macalé, Azimuth, Martinho da Vila, João Nogueira, Gonzaguinha. Baby Consuelo

O povo na rua, na festa, na luta faz sua história

transmitia, sua grande energia: RÁ! A galera se deliciava aos acordes magnéticos da guitarra de Pepeu Gomes... Era um colírio para os olhos do público. Uma faixa pendurada no palco trazia a mensagem mais repetida dos últimos dias: Fora Sarney — Diretas já! A platéia concordava e num grande cânto repetia as palavras escritas. Osmar Prado e Mônica Sampaio — os apresentadores, liam textos sobre as lutas do movimento, sobre as causas dos índios, negros, da mulher e contra a violência, para realçar o caráter político da festa.

Surge então um momento comovente para todos que participavam da festa: Almir chama ao palco o sociólogo Herbert de Souza — era chegada a hora de chamar a atenção para o comércio do sangue no Brasil que levou a vida do cartunista Henfil, irmão de Betinho. Foi um momento de homenagem, de agradecimento por tudo o que Henfil fez por este País, por sua luta contra a AIDS, pela vida e pela paz. Que viva o sangue do povo brasileiro, deste que hoje luta contra a falta de cuidado e de fiscalização aos bancos de sangue.

A noite aproximava-se do final. Carlinhos Vergueiro dava o seu recado. Taiguara no palco ornamentava a festa com canções e um discurso enérgico e revolucionário. Como não poderia deixar de ser, ele lembrou Prestes e os 91 anos de idade de seu grande amigo e ídolo. Coroando o final do espetáculo, chega Chico Buarque, o velho Chico, para delírio dos quase 25 mil participantes daquela apoteose. O grande final ficou por conta da batucada, da ginga, daqueles que são o espetáculo de vida da Praça da Apoteose: a Escola de Samba São Clemente, que veio com tudo: bateria, porta-bandeira, porta-estandarte e com muitas e rodopiantes baianas que deram o colorido final para esse momento em que cada artista mostrou sua arte com o objetivo de ajudar a Famerj, sua causa, seu exemplo, seus dez anos de luta.

"É uma oportunidade que eu tenho como artista e como cidadão, de participar de uma festa autenticamente do povo, porque a Famerj representa o povo, é uma espécie de organização de luta. Eu acho que na atual conjuntura política, sócio-econômica do país, é muito difícil dar grandes passos por organizações autenticamente ligadas às lutas do povo. Eu acho que a Famerj conseguiu manter-se atenta a isso, e avançou e está atuando há dez anos e ficará muito mais do que isso.

(Osmar Prado — Ator e apresentador do Show)

"É muito legal apresentar esse show porque o pessoal veio mesmo para participar... A Apoteose está cheia!"

(Mônica Sampaio — Locutora e apresentadora do show)

"É importante participar da Famerj e da Associação do bairro para lutar por melhorias no seu bairro. A minha presença aqui no show é devido a minha admiração pela Famerj e também, pelo fator cultural."

(Jorge Gama — morador da Glória)

"Eu penso que a comunidade é tudo, é uma verdadeira rainha e que ela está acima de qualquer política é, portanto, me sinto bem por estar aqui festejando e querendo que fique mais tempo fora da política atual. A comunidade é importante de um modo geral, porque ela é maior que a política oficial, do que a política mecânica e, por isso, ela deve estar sempre fora da política."

(Gonzaguinha — cantor e compositor)

"A importância desse espetáculo é a Famerj e a sua autonomia perante Prefeituras, Estados e quaisquer outros mecanismos da sociedade burguesa que hoje no Brasil estão mal, estão se elegendo em processos eleitorais fraudulentos e, quando são eleitos com o apoio do povo, tem a "cara de pau" de trair sem explicações. Viva a FAMERJ, salve a autonomia da FAMERJ!"

(Taiguara — cantor e compositor)

"Nós artistas, políticos, músicos e amigos temos que nos unir e botar a Famerj mais forte. Temos cada vez mais que lutar pela paz, amor e respeito o próximo. Nós artistas estamos procurando apoiar o movimento popular pra que a gente mude o Brasil."

(Pepeu Gomes — cantor e compositor)

"Estou esperando que este show vá ter um fundo político, mas que seja um bom show em termos de artistas e dos espectadores. Pra que as pessoas criem uma nova consciência não só de assistir o espetáculo, mas de se cons-

cientizar mesmo do que esse órgão pode fazer pela gente, e também tenha um fundo totalmente aberto pras pessoas, em forma de pensamento, linguagem e tudo."

(Ricardo Felisberto — morador de Irajá)

"Eu acho que a Famerj é uma associação importantíssima, porque ela congrega as pessoas, os cidadãos que realmente se interessam pela comunidade... mas também uma manifestação política muito forte em defesa de tudo aquilo que vem prejudicando o desenvolvimento daqueles que querem viver nessa cidade, que querem realizar alguma coisa importante. E além de tudo, ela se preocupa em trazer a cultura brasileira através desse show maravilhoso que eu tô assistindo junto a este público maravilhoso que está aqui, hoje, na Apoteose."

(Miguel Proença — Secretário Municipal de Cultura)

"Todo mundo que trabalha no movimento sabe que, às vezes, organizar até uma coleta de assinaturas dentro do bairro já é difícil, exige dedicação, empenho e abnegação. Fazer um show dessas dimensões é uma coisa muito difícil, mas eu tô aqui, não surpreso, mas acreditando que quem construiu 10 anos de movimento comunitário e conseguiu organizar um "showzão" desses, vai conseguir fazer desse país, um país democrático, justo socialmente e com igualdade entre todos os seres humanos."

(Chico Alencar — AMOAPRA)

"Foi uma surpresa magnífica para mim este Show. Porque quando começaram os trabalhos para realização desse evento, eu confesso, não estava fazendo fé. Por isso, tô encantada... Tá muito bom, a organização está perfeita, isto prova que apesar de todas as dificuldades, o movimento comunitário existe de verdade!"

(Helena Musa Ruas — Secretária da AM da Usina e Muda)

"Essa festa tem duas importâncias: a primeira que a gente consegue reunir o povo na Apoteose para um ato cultural que é do movimento comunitário, quando uma das coisas mais difíceis nesse momento estava sendo reunir o povo. E nós estamos conseguindo fazer isso. A segunda importância é a gente ver que nosso movimento está fazendo 10 anos e está aí nas ruas, mostrando a sua cara para a população, com os nossos percalços que foram muito grandes e verdade, mas com nossas vitórias que foram muito maiores."

(Luís Marcolino — presidente do Conselho de Representantes)

"Hoje estamos tendo a oportunidade de ver um show político, onde as músicas estão nos trazendo a recordação de uma história, de uma refor-

mação que nós sofremos na preservação cultural. Estamos tendo, por exemplo a oportunidade de ouvir Brasilzinho quando a música norte-americana tenta abafar toda essa iniciativa brasileira. Além disso, vemos a alegria do povo de dizer: nós estamos na luta, mas somos um povo firme e alegre, com vontade de mudar."

(Benedita da Silva — Dep. Fed. PT)

"Para mim este está sendo um show bonito, expressivo, bastante popular, porque conta com a presença da base das Associações de Moradores, da população da cidade e do Estado do Rio de Janeiro."

(Jô Rezende — Vice-Prefeito RJ)

"Nós da São Clemente somos uma família que está sempre disposta a colaborar com todos aqueles que têm visão de vida, de solidariedade, comunidade... E a Famerj pelo papel que vem desempenhando, uniu-se aos nossos ideais que são sempre a comunidade. Por isso, nós resolvemos colaborar com a sua festa."

(Roberto Gomes — vice presidente da GRESS São Clemente)

"... Hoje, a Famerj consegue aparecer tanto quanto entidades que estão aí há 70, 80 anos. Amanhã se você perguntar no Estado do Rio de Janeiro o que é Famerj, dez vezes mais pessoas vão saber por causa do show. E aí, é muito mais fácil trazer estas pessoas pra dentro da própria entidade."

(Rafael Rolando — Coordenador do show da Famerj)

"Para vender os convites do show, nós da AM São Cristóvão, anunciamos na missa, montamos uma barrquinha na porta da Igreja e vendemos 80 convites. Além disso, na porta de um supermercado lá do bairro, conseguimos que o serviço de alto falantes internos anunciasse o show da Famerj e a nossa AM montou uma banquinha na porta e vendemos mais 23 ingressos só num dia."

(Fernanda Rorca — secretária da AM São Cristóvão)

"A Famerj tem um projeto de humanização do Rio de Janeiro, de uma cidade equilibrada e estável em relação ao melhor viver, da questão fraterna. Hoje, ninguém abre a porta nem para o vizinho. A Famerj pode criar uma política de abrir portas. O projeto cultural da Famerj deve ser estendido a todo Estado do Rio. A música brasileira está sendo violentada e acossada, sofrendo uma pressão enorme. Nunca vi tanta pressão dos meios da área cultural para

neutralizar e anular a maior, mais rica e popular manifestação cultural brasileira que é a música."

(Jards Macalé — cantor e compositor)

"Eu acho que esse show tá muito bem organizado, muito bem montado, você vê que a infra-estrutura está muito boa, é difícil o movimento construir isso. Porque ele consegue ir pra rua, ter pique, mas às vezes não consegue criar uma infra-estrutura que solidifique as suas lutas. Eu acho que esse evento da Famerj é um marco, uma coisa muito importante porque mostra às AMs que elas precisam ser mais agressivas, precisam criar projetos mais audaciosos, inclusive para poder se sustentar; porque são entidades que devem sobreviver não só 10 anos, mas mesmo quando a gente conquistar a sociedade justa, vamos querer as AMs porque elas são o senso crítico, elas fazem com que o governo saiba o que a população está pensando através de suas organizações independentes. Parabéns Famerj, parabéns pra todos."

(Carmem da Mata — Diret. de Divulgação da AMARAI)

"Eu acho importante que a Famerj faça esses movimentos de manifestação popular e musical. Sempre estive pronto para participar de encontros artísticos em benefício de entidades como a Famerj que defende a população de baixa renda. Estou com a Famerj e não abro."

Eu tô muito feliz, também, porque a platéia está bem receptiva e tem muita gente aí na Apoteose, talvez mais que em muitos eventos cobertos de uma infra-estrutura de marketing, o que a Famerj não tem grana pra fazer, mas a resposta do público é boa eu só posso ficar feliz com isso."

(João Nogueira — cantor e compositor)

"A importância da Famerj pra sociedade é de ajudar a despertar uma maneira nova de cidadania, de fazer política, que é as pessoas se organizando através do seu local de moradia e a partir daí poder abrir o espaço de discussão política que vai fazer relacionar esse movimento de moradia, das questões mais imediatas, das suas reivindicações com relação ao Estado e daí, fazer uma discussão mais ampla, que é a discussão da sociedade. Esse papel tem

sido desempenhado e essa festa cheia, como está aqui hoje, é o resultado desse processo de luta."

(Adair Rocha — Assembléia Permanente em Defesa da Vida)

"Eu estou aqui primeiro pelo show em si, pela Famerj e segundo, pela qualidade do show. Acho que a Famerj tem uma importância fundamental, porque de certa maneira ela agrega todo o movimento novo e que surgiu no interior da ditadura militar, tem um grande papel a cumprir nesse período da Nova República. É uma organização que de certa maneira, auxilia muito no movimento sindical e outros movimentos."

(José Soares Neto — Tijuca)

"O show, o encontro, está sendo muito bom para a conscientização da população no seu papel de cidadãos usurpados do nosso direito de cidadania. A Famerj é a solidariedade no Brasil."

(Hermógenes — militante da FAFERJ)

"Eu vim observar o movimento de Associações de Moradores, que é interessante. Pra mim a Famerj significa organização, conscientização e oportunidade de união."

(Zê Maria — morador de Copacabana)

ORDEM DE APRESENTAÇÃO:

1 — Vicente Viola; 2 — Del Rian e Noites Carlocas; 3 — Elson do Forrode e Grupo Cabeça de Nego; 4 — Grupo Terra; 5 — Baby Consuelo; 6 — Banda 747; 7 — Jards Macalé; 8 — Martinho da Vila; 9 — Pepeu Gomes; 10 — Azimuth; 11 — João Nogueira; 12 — Gonzaguinha; 13 — Taiguara; 14 — Carlinhos Vergueiro; 15 — Chico Buarque; 16 — São Clemente; 17 — Mocidade Unida de Jacarepaguá; 18 — União da Ilha do Governador. Apresentadores: Mônica Sampaio e Osmar Prado (19).

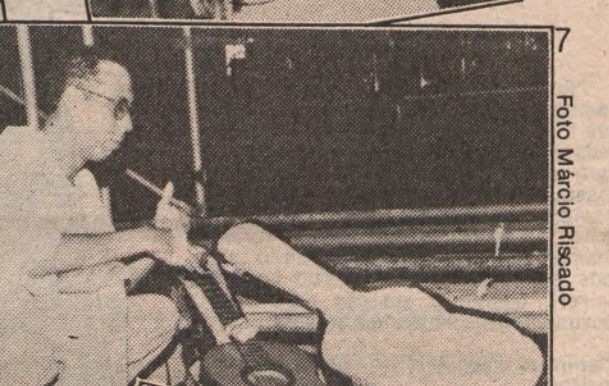
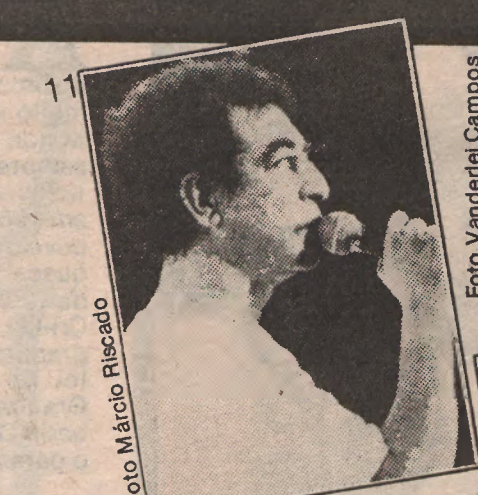


Foto Vanderlei Campos

Foto Vanderlei Campos

Foto Márcio Riscado

Foto Vanderlei Campos

Foto Vanderlei Campos

Foto Márcio Riscado

Foto Vanderlei Campos

Foto Márcio Riscado

Foto Márcio Weichert

Foto Vanderlei Campos

Foto Márcio Riscado

Foto Márcio Riscado

Foto Vanderlei Campos

Viva o sangue do povo brasileiro

"Eu vim prestigiar a Famerj e homenagear o Henfil. Pra mim a Famerj é muito importante devido a sua participação nas lutas comunitárias, lutas pelo mutuário, etc."

(Simoões — Pres. da Assoc. Pró-Melhoramentos da CEHAB).

"A Famerj é uma prova de que é possível se organizar e de que ainda temos muito que fazer para a entidade chegar a perfeição: A festa dá outra dimensão ao movimento. Nem todo mundo está por dentro da Famerj. O país tem tantos problemas: moradias, aluguel, etc., que a associação parece até pequena diante de tudo, mas é daí que se começa a organizar as grandes coisas."

(Baby Consuelo — cantora)

"Eu acho a Famerj, o movimento de associações de moradores da maior importância. Acho que esse tipo de organização é uma das coisas mais interessantes, novas, que tem surgido no Brasil ultimamente. Na cabeça da Famerj tem sempre gente séria, confiável. Eu fui convidado e vim com o maior prazer."

(Chico Buarque — cantor e compositor)

"Eu acho muito importante que a Famerj exista e acho que é importante que a nossa força se fortaleça cada vez mais e é por isso que eu estou aqui. Para cantar, para dar, na medida que eu possa, a minha força para que esse movimento importante se fortaleça. Acho que com os artistas que foram chamados, com as pessoas vendo que todo esse pessoal está junto com a Famerj, chama a atenção para esse movimento que só tende a crescer."

(Carlinhos Vergueiro — cantor e compositor)

Foto Márcio Riscado

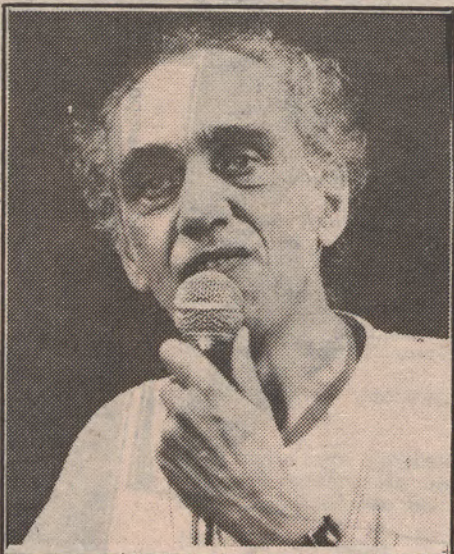


Foto Vanderlei Campos



Foto Vanderlei Campos



Foto Vanderlei Campos



A Famerj escolheu para homenagear nas comemorações do seu décimo aniversário, um artista muito especial. Como na música do Milton Nascimento, um artista que sempre está onde o povo está. Por coincidência ele começou a carreira em 1964, fazendo desenhos dos incríveis Fradins. Quem viu não esquece tantos personagens: Urubu, da torcida do Flamengo; Bacalhau, Cri-Cri, Pó de Arroz. Trabalhou em grandes jornais e televisões, mas foi no Pasquim que apareceram Graúna, o cangaceiro Zeferino e o bode Orelana, sem falar no Ubaldo, o paranóico.

Ele andou até por Nova Iorque e escreveu muitos livros — sempre com o mesmo humor — que sabia ao mesmo tempo denunciar, xingar e trazer esperança. Sua última investida foi no cinema, onde ele contou a história de uma ilha com um governo tão repressor que só tinha um jornal...

Por tudo isso, não podemos esquecer a omissão assassina do governo que deixou este artista e muitos outros irmãos e irmãs nossos morrerem. Um governo que permite a comercialização do sangue humano sem nenhuma fiscalização porque o lucro é considerado mais importante.

Mas o nosso irmão Henfil deixou esta bandeira com a gente. Vamos salvar o sangue do povo brasileiro!

"Eu queria dizer duas coisas para vocês. A primeira é que o Henfil não morreu. Ele está aqui conosco. Henfil é este espírito de luta pela democracia. Esse espírito que nunca se curvou a nenhum poder e que sempre lutou para que esse país fosse nosso. Este meu irmão de 42 anos foi assassinado pelo sangue e pela irresponsabilidade deste governo que nunca foi brasileiro. Morreu de AIDS, contaminado por um sangue que hoje contamina milhões e milhares de brasileiros. Este meu irmão não morreu e está aqui conosco, e com cada um de nós. O Henfil está vivo!

Eu quero dizer também que cada um de nós pode fazer com que o Henfil viva, através das pessoas que lutam por uma sociedade mais justa. É esse o sentido desse show da Famerj, da nossa luta e da democracia.

Eu não vim aqui para falar da tristeza de ter perdido um irmão. Vim falar da alegria de ter encontrado milhões de irmãos como vocês. Muito obrigado"
(Discurso de Herbert de Souza — Betinho)

"Eu acho que o Henfil merece a homenagem e que a Famerj merece também. É uma relação em que duas realidades merecem mutuamente. Eu acho que o Henfil é uma história de luta. A Famerj é uma história de luta. O Henfil foi uma pessoa que durante todo esse tempo lutou contra o poder estabelecido, contra as injustiças, contra as estruturas de dominação, e teve uma inspiração democrática profunda na sua vida e na sua obra. Eu acho que a Famerj é essa história, ela é a história de luta pela democracia nesse país, mas uma luta por parte daqueles setores, daquelas forças da sociedade que realmente têm a democracia, não como uma bandeira demagógica, uma coisa secundária, mas como uma coisa fundamental, vital... Então eu acho que a Famerj não poderia deixar de fazer essa homenagem ao Henfil. Assim como eu tenho certeza de que se o Henfil estivesse vivo, estaria aqui comigo para participar dessa homenagem à Famerj."

(Herbert de Souza — Betinho, irmão do cartunista Henfil)

Basta de omissão

A Aids mata, mas a irresponsabilidade e a omissão das autoridades mata muito mais. O governo do "tudo pelo social" incentiva o uso da camisinha, mas contraditoriamente faltam agulhas descartáveis, não há controle sobre os bancos de sangue e as doações diminuíram. Quem é o responsável por esse genocídio diário contra nosso povo?

É preciso romper o silêncio e o comodismo antes que sejamos apenas mais um número nas estatísticas oficiais. Assim, a Famerj junto com outras entidades e setores sociais entra na luta contra os "vampiros" que comercializam sangue.

Pela estatização dos bancos de sangue, pela campanha de doação de sangue, pelo tratamento digno e humano para os portadores do vírus da Aids.

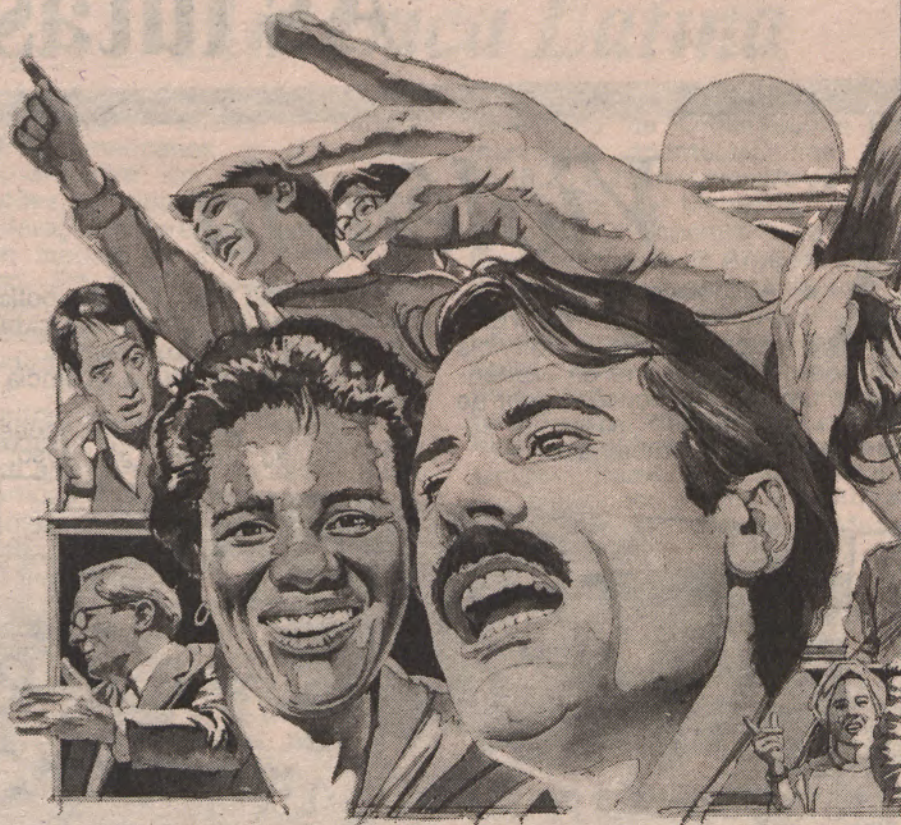


A equipe de comunicação da Famerj, com reforço de amigos e colaboradores trabalhou unida pelo sucesso do evento. Redigiu textos, credenciou jornalistas, entrevistou, filmou, fotografou e, coletivamente, souou a camisa da Famerj, retratando aqui seu trabalho.

Participaram da cobertura do show: Alexandre Lambert, Athayde Motta, Carlos Franco, Domingos Fernandes, Márcio Weichert, Milton Carvalho, Nato Kandhal, Nêllie Vaz Branco, Rosa Maria Correa, Rosane Hatab, Sérgio Fontenele e Simone de Souza Pinto.



O RIO FALOU EDISSE PRICOM.



obras no valor de
Cz\$ 306.000.000,00 que inclui
desde o asfaltamento de ruas até
a construção de passarelas para
pedestres.

O pioneirismo desta iniciativa
está exatamente no processo de
definição das prioridades de cada
comunidade. São os próprios mo-
radores que discutem seus proble-
mas e suas necessidades e estabe-
lecem o que fazer primeiro.

Para a Prefeitura do Rio, executora das
obras, o I PRICOM significa o início de
uma ampla conscientização das comuni-
dades. Outros PRICOMs virão.

O Rio deve continuar falando.

Para que a comunidade continue
a ser Governo.

O Rio, que amanheceu falando através
dos Conselhos Governo-Comunidade, já
começa a ver os resultados de sua
participação.

Pela primeira vez, um programa de
obras da administração municipal ouve
a comunidade e respeita sua vontade.

É a realização de um compromisso do
primeiro governo eleito pelo povo desta
cidade – o de incentivar a participação or-
ganizada, descentralizando e democrati-
zando a administração municipal, através
dos Conselhos Governo-Comunidade que
funcionam nas Regiões Administrativas.

Hoje, a sociedade influi diretamente na
administração municipal. Os resultados
estão aí com o **I PRICOM – Prioridade
das Comunidades**, um programa de

RIO
**EU GOSTO
DE VOCÊ**



PREFEITURA
DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

PREFEITO SATURNINO BRAGA
GOVERNO-COMUNIDADE

As lutas continuam

Violência

As Associações de Moradores e a FAMERJ consideram que a violência em nosso País decorre da existência de um sistema concentrador de riqueza, montado sobre a superexploração do trabalhador.

- Ativação dos postos policiais abandonados e criação de cabines policiais em todos os bairros.
- Pela paz e contra a violência em todo mundo.
- Contra as discriminações à mulher, ao negro, ao idoso, ao



Foto Vanderlei Campos

Nas plenárias do I e II Congressos da FAMERJ, foram aprovadas as seguintes "bandeiras" de lutas:

- Repúdio à política de arrocho salarial.
- Convocação da Assembléia Nacional Constituinte Livre, Soberana e Democrática
- Por uma Reforma Agrária ampla.
- Revogação da Lei de Segurança Nacional e da Lei Antigreve.
- Repúdio aos acordos com o FMI.
- Aumento de verbas para assistência ao menor, com o objetivo de criar creches e escolas, onde as crianças possam estudar em tempo integral.

indio, ao homossexual e ao deficiente físico.

- Reformulação dos Códigos Civil, Penal e do Trabalho, no que se refere a mulher.
- Contra o genocídio físico-cultural das nações indígenas.
- Movimento de defesa da nossa cidade, e da nossa cultura, recuperando valores humanos contra a violência.
- Em Defesa dos animais e do meio-ambiente.

Nesses dez anos de luta a FAMERJ, OAB, ABI e CBA criaram a comissão de defesa dos Direitos Humanos, que tem o apoio de outras entidades democráticas.

Abastecimento

As Feirinhas Comunitárias da FAMERJ foram durante quase cinco anos uma das formas de maior integração da entidade com os moradores do Rio de Janeiro. Organizadas em 1981 pela extinta Comissão de Abastecimento, as feirinhas ofereciam produtos hortigranjeiros mais baratos diretamente do campo, sem a participação dos atravessadores.

Além de baratear os preços, o programa das feirinhas possuía outros objetivos como contribuir para a organização dos pequenos produtores rurais, interferir na política agrícola oficial e favorecer a integração comunitária das AMs.

Através de convênios com as prefeituras, a Famerj comprava de



pequenos agricultores de Pati do Alferes, Papucaia e Nova Friburgo, oito produtos fixos (batata, ovos, tomate, cebola, laranja, banana, cheiro verde e verduras) e sete variáveis de acordo com a época. No Rio e nos municípios conveniados, a cestinha era distribuída pelas associações de moradores.

No entanto, logo vieram problemas. Quando os preços de mercado ficavam acima da tabela acertada entre a Famerj e os agricultores, estes preferiam vender os produtos para comerciantes. A pouca variedade também dificultava o avanço do programa. A solução surgiu do convênio com a CEASA-RJ, onde a Famerj passou a ocupar gratuitamente um box. Nesta segunda fase do programa, o número de famílias cotistas subiu de 2 mil e 700 para 16 mil.

Porém, os problemas não terminaram na CEASA. O baixo preço da cestinha provocou o desagrado dos atacadistas que pressionavam para desmobilizar o programa. A falta de experiência administrativa e comercial resultou no descontrole no custo da feirinha. Assim, o número de famílias cotistas voltou rapidamente para 2 mil e 500.

Negociando a abolição das taxas de aluguel dos boxes, de telefone e de xerox com a CEASA, a Famerj conseguiu baixar o custo da cestinha e os pedidos dobraram. Apesar dos planos feitos na época para incrementar o pro-

grama, as feirinhas foram desativadas no início de 1986.

Mas a luta pela melhoria no abastecimento não parou aí. A Famerj que, em 1979 já havia participado do Movimento contra a Carestia denunciando as políticas salariais e de preços dos gêneros alimentícios do governo Figueiredo, entrou de corpo e alma na discussão de propostas para a Constituinte à procura de soluções para o problema.

Uma Reforma Agrária radical, com a democratização do uso da terra improdutiva, o fim da especulação, o aumento do trabalho no campo e o aumento da produção agropecuária é considerada como a única solução estrutural para a deficiência do abastecimento.

A Famerj quer também prioridade para a construção de centrais de abastecimento populares nos imóveis ociosos da União, dos Estados e dos Municípios e com utilização da atual mão-de-obra desempregada no país. Outra reivindicação é o maior rigor do governo no combate à especulação com alimentos.

Cultura



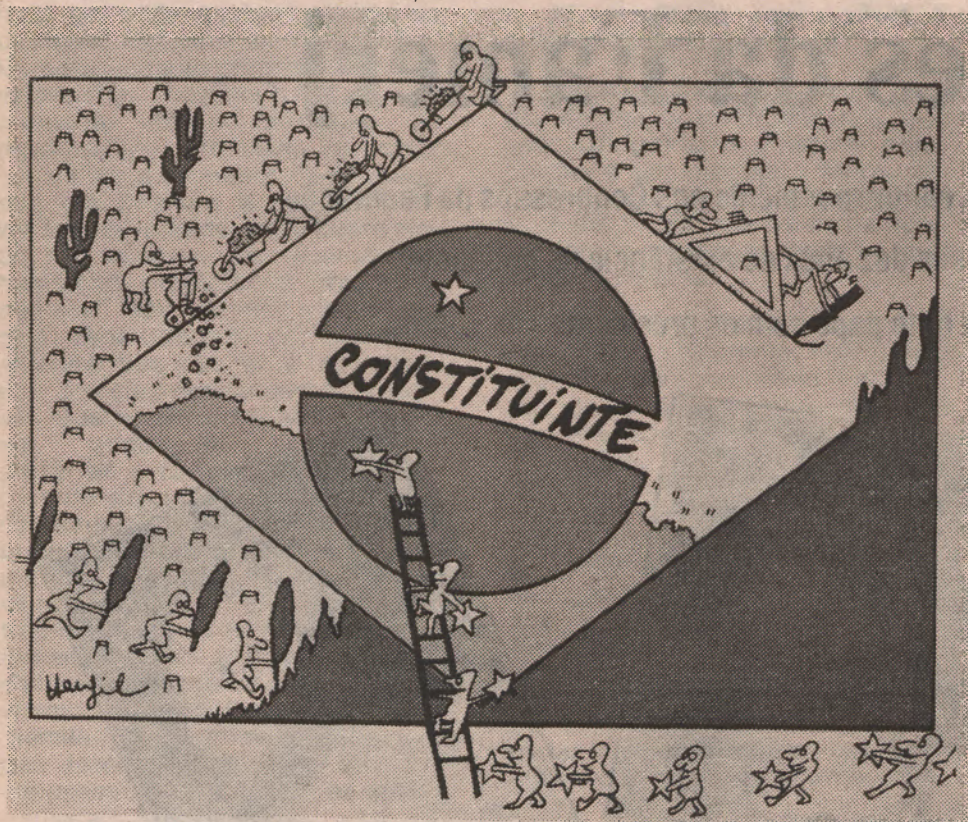
A consolidação de atividades culturais é um grande desafio para a Famerj e para todo o movimento popular. Diante da dificuldade com as lutas cotidianas (transporte, habitação, etc.), a atuação na área cultural teve algumas limitações. Entretanto, a Famerj compreende que as atividades culturais abrem mais um espaço de participação e contribuem para o fortalecimento das AMs. Além disso, as entidades populares sempre cumpriram o papel de organizar manifestações culturais de intelectuais e artistas que não têm liberdade de criação num esquema industrial. Um importante exemplo disso foi o trabalho feito no Centro Popular de Cultura da UNE.

O CPC revelou artistas como Sérgio Ricardo, Carlos Lira e Oduvaldo Viana Filho. Quando a ditadura militar conseguiu desarticular as entidades populares, o CPC tornou-se um importante espaço de participação política.

Atualmente a Famerj desenvolve, junto a outras entidades, propostas para fortalecer as atividades culturais nas comunidades. Em setembro de 87, por exemplo, a Federação de Cineclubes e a Famerj promoveram o Curso de Formação de Cineclubistas e o Circuito

Cultural de Cinema nas AMs. Assim, foram criadas algumas condições para iniciativas de construção de cineclubes.

O êxito do show de MPB dos 10 Anos, em plena "temporada de rock", abriu novas perspectivas de aprofundar a discussão sobre a questão cultural no movimento comunitário e desenvolver novos projetos. Alguns artistas que participaram do evento e outros que querem uma maior aproximação com as comunidades, já se propuseram a fazer apresentações organizadas pela Famerj e pelas Federações Municipais. Além disso, se as AMs desenvolverem uma estrutura de trabalho para os artistas das comunidades, haverá uma melhoria concreta nas condições de vida da população. Uma comunidade que valorize a arte, o lazer e a festa não estará, como alguns pensam, menos preparada para lutar pela superação de seus problemas.



O Congresso Constituinte da Famerj realizado entre os dias 29 e 31 de agosto de 86, reuniu na UERJ, cerca de mil pessoas e 600 associações de moradores. O Congresso foi apenas uma consequência de uma história que começou em janeiro de 85, quando a Famerj, junto com outras entidades democráticas, fez uma manifestação, pedindo a convocação da Assembléia Nacional Constituinte. A partir desse ato o movimento cresceu e se fortaleceu nas associações.

A Zonal Santa Cruz realizou um seminário popular, que teve a participação de mil moradores, onde o tema central era a "participação popular na Constituinte."

As associações de Botafogo e Laranjeiras se uniram e promoveram um ciclo de debates intitulado "Cidadão Constituinte". Esse evento teve a duração de três meses (de abril a junho de 86), onde uma vez por semana, mais de 40 pessoas se reuniram, para debater assuntos como transportes, saúde, educação, diretas já!, meio ambiente, etc.

São João de Meriti não ficou para trás e debateu nos dias 16 e 17 de agosto de 86, a ordem econômica e a questão internacional.

A Zonal Leopoldina organizou o "encontro popular pela Constituinte", realizado em julho de 86, com a presença de 135 associações e da FAMERJ. No encontro foi debatidas eleições diretas, moralização dos três poderes, etc.

Nos dias 29, 30 e 31 de agosto de 86, cerca de mil delegados de várias associações de moradores e outras entidades democráticas, participaram do Congresso Constituinte dos Bairros. Durante 22 horas, foram debatidas idéias de profundo conteúdo para a Nova Constituição Brasileira. O encontro foi uma prova da capacidade política do nosso povo, onde surgiram dezenas de formulações que

foram enviadas aos constituintes eleitos pelo povo.

Durante o Congresso, a Famerj encaminhou algumas propostas, entre elas:

QUANTO A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA DO BRASIL

- Regime Democrático, marcado por eleições diretas e secretas em todos os níveis.
- O mandato do atual presidente será de 4 anos

QUANTO A ORGANIZAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL

- Toda a produção nacional agrícola e industrial estará voltada, principalmente para o mercado interno
- A preservação e demarcação imediatas das terras indígenas.
- Qualquer empréstimo estrangeiro deverá ser aprovado pelo Congresso Nacional.

EM RELAÇÃO AOS DIREITOS SOCIAIS DO POVO

- Salário mínimo real para todos os trabalhadores, mais estabilidade no emprego e jornada de 40 horas semanais, aposentadoria com salário integral e direito à greve e autonomia sindical

QUANTO A EDUCAÇÃO, CULTURA E LAZER

- Educação obrigatória e gratuita para todos; preservação de nossas tradições culturais.

URBANISMO E HABITAÇÃO

- Prioridade ao saneamento básico e a construção de habitações populares.

QUANTO AOS TRANSPORTES

- Serão considerados um serviço público essencial, não sendo portanto, objeto de lucro.

Para o Plenário Pró-Participação Popular na Constituinte, seção Rio de Janeiro, este Congresso foi uma prova da capacidade política do povo onde se discutiu as propostas do movimento para a Nova Carta Magna.

América Latina

As grandes massas urbanas dos países Latino-Americanos e do Caribe vivem em precárias condições de vida, resultante da exploração e opressão impostas por um modelo de crescimento caótico. Em função dessas precárias condições de vida, as populações desses países encontram nas organizações comunitárias uma forma de mobilização permanente contra estas injustiças sociais. E são justamente essas entidades que têm assegurado à população maior participação nos processos de decisão por parte dos governos desses países e, em alguns casos, são elas as responsáveis pelas lutas de libertação nacional na construção e defesa de uma nova sociedade. Há também aquelas entidades que têm conseguido coordenar as organizações e lutas a nível nacional, ao passo que em outros países esta forma de luta ainda é uma aspiração. Daí, a importância da troca de experiências e da união das organizações já existentes para traçar objetivos comuns que unam, ainda mais, a América Latina em torno de seu povo, no compromisso da solidariedade e da ajuda mútua.

A América Latina é cercada pela miséria do povo latino-americano, onde os Estados Unidos "sugam o sangue" das populações latinas e transformam a área em um verdadeiro "barril de pólvora", com as constantes ameaças de intervenção.

Por isso, a Famerj participou, em setembro de 1984, da reunião preparatória do I Encontro Latino-Americano, em Manágua. Na reunião, da qual participam delegados de federações da Bolívia, Brasil, Costa Rica, Cuba, México, Nicarágua e Peru, foram tiradas algumas bandeiras de luta, entre elas: Pela Paz e contra a violência em todo o mundo; Repúdio à intervenção Norte-Americana na América Central; Repúdio a toda a violência na América Latina e Contra as indústrias bélicas e nuclear.

O Primeiro Encontro Latino-Americano de Organizações Comunitárias aconteceu nos dias 18, 19, 20 e 21 de fevereiro de 1987, na Cidade de Manágua, na Nicarágua. O Encontro teve como tema a Unidade da América Latina e Pela Paz em Desenvolvimento, e participaram delegações do movimento comunitário da Argentina, Brasil, Costa Rica, Cuba, Equador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Peru, Porto Rico, República Dominicana e Uruguai. Estavam visitando o Encontro delegações da Bulgária, Suíça e Estados Unidos, além de entidades de assessoria ao movimento popular. Entre as delegações que participaram do Encontro, o Brasil se fez presente pela FAMERJ e pelo CONAM, e das principais deliberações destacamos:

A criação da FRENTE CONTINENTAL DE ORGANIZAÇÕES COMUNITÁRIAS DA AMÉRICA LATINA E DO CARIBE que tem o caráter antiimperialista, democrático e representativo dos interesses dos moradores que habitam as cidades do nosso continente. A Frente Continental é uma expressão vigorosa de tudo quanto os povos possam fazer na sua luta pela transformação social e política, a partir do local onde moram e convivem.

- A Frente Continental caminhará sempre em nossas cidades e aldeias, comunidade ou vilas. Terá continuidade histórica e projeção prática, os Encontros serão os eventos máximos de discussão e de aprovação de resoluções políticas e de trabalho, criando, para execução dessas, uma COMISSÃO EXECUTIVA de forma permanente integrada pelos seguintes países: Brasil, Peru, República Dominicana, México, Honduras e Nicarágua.

- O México foi designado como sede do próximo Encontro que se desenvolverá a cada dois anos em países diferentes que deverão ser eleitos no encontro anterior.



Os presidentes da Famerj

A Diretoria da Famerj é composta por 21 diretores eleitos por biênio nos Congressos da Federação.

Para termos uma idéia do significado desses dez anos de existência da entidade, o Jornal da Famerj publica nesta edição um bate papo com os presidentes da Famerj.



JF — Como se deu a fundação da Famerj?

Cezar Campos — Surgiu num momento político muito especial, antes da abertura, da anistia e do surgimento de outros partidos, em 1978. A Semana de Debates sobre o Rio de Janeiro foi um movimento espontâneo da população contra a especulação imobiliária — naquele momento uma das maiores manifestações do autoritarismo e do poder econômico a população ficava totalmente marginalizada do governo. Como os outros espaços políticos estavam cercados, foi uma criatividade da população com vontade de exercer a cidadania. Com o autoritarismo era como se tivessem apagado a luz do Brasil. Depois que você fica muito tempo no escuro, se familiariza e acaba arriscando e encontrando a porta.

JF — Como vocês vêem o trabalho da Famerj nesses dez anos?

CEZAR CAMPOS — É a grande vitória de uma proposta de exercício da cidadania. Nenhuma entidade permanece e dura tanto tempo sem ter tido nenhum ganho, sem ter acrescentado nada na história da população. Demonstra assim, que a proposta inicial era correta senão, não sobreviveria. A proposta era a defesa da qualidade de vida; a busca da organização da população em torno de seus direitos; o estímulo do exercício da cidadania e o compromisso com a democracia.

JÓ REZENDE — Vejo crescendo, fortalecendo as associações de moradores, ampliando seu trabalho para toda a Cidade e para muitas regiões do Estado do Rio. Mul-

tiplicando, portanto, o processo de organização. Hoje, a entidade é uma realidade do Estado e conhecida a nível nacional.

Algumas lutas nacionais têm marcado sua existência. As lutas locais, as lutas do dia-a-dia são expressão dessa organização e a Famerj tem se aliado a outras entidades populares e democráticas, exercendo seu papel organizador de comunidade. É portanto um saldo positivo, que continua acumulando, que continua crescendo, de uma entidade que merece o respeito de toda a sociedade brasileira.

CHICO ALENCAR — Ter uma Federação que é resultado da organização autônoma, independente da população em seu local de moradia, é sinal de que o país tem jeito, nem tudo está perdido. De 78 pra cá, houve um crescimento qualitativo, com um processo educativo e pedagógico do próprio povo na construção de seu destino.

A luta dos bairros está muito disseminada. Hoje, quando há problemas em comum, as pessoas tentam se organizar, se estruturar nessa batalha. Uma das funções mais importantes do movimento comunitário é a político-pedagógica. Ensinar que a política não é coisa só de partidos parlamentares, que o cidadão comum pode fazer. A descoberta da política do cotidiano, a compreensão de que o dia-a-dia implica na visão política, é uma contribuição incrível do movimento de bairros que não pode acabar nunca. É uma batalha quixotesca de reestabelecer vínculos de solidariedade entre as pessoas numa sociedade que é competitiva e cultuadora do egoísmo. É

uma luta ideológica também, já que as AMs pregam contra o espírito capitalista.

ALMIR PAULO DE LIMA — Um dado significativo na história da política brasileira é a crescente e dinâmica organização da população nos seus locais de moradia, o que vem se caracterizando no despertar das consciências e na luta contra a tradição clientelista, fisiológica, populista e autoritária. Esses 10 anos da Famerj refletem a perspectiva vitoriosa de criar raízes cada vez maiores na comunidade e de intensificar a efetiva participação dos moradores no destino de suas vidas. Daí a necessidade da Federação rever sua história e encontrar uma nova postura política eficaz de organização e luta dentro da atual conjuntura brasileira, diante do crescente desafio de nosso povo na luta contra esse sistema de opressão cruel e assassino que é o capitalismo.

Descobrimos que era preciso lutar para tampar o buraco da rua, e, hoje, tomamos consciência que não é só asfaltar a rua, mas responder o porquê da situação de abandono em que se encontram os nossos bairros e o nível de miséria em que vive o povo brasileiro.

O movimento sai do estágio de apenas reivindicar as necessidades imediatas para também refletir sobre os problemas agudos que atravessa o nosso país, compreendendo, portanto, que o buraco da rua tem íntima ligação com a necessidade de não pagar a dívida externa e conquistar as eleições diretas para presidente da República, para acabar com esse período de transição angustiante em que vivemos, espremidos como estamos, pelo governo da Nova

República. Pelo que conquistamos nesses 10 anos de luta, a Famerj é uma grande vitória. Precisamos, com certeza, avançar na luta mais e mais.

JF — Como vocês avaliam a gestão em que vocês estiveram como presidente?

CEZAR CAMPOS — Eu dividido a minha gestão em três partes:

1ª: levar a mensagem, a nova proposta para a população, da organização e do exercício da cidadania;

2ª: resgatar as AMs e as lideranças que tinham existido no movimento comunitário. Isso para que ele pudesse ter maior consistência e história. Na Semana de Debates vimos que existia um série de entidades sem liderança e que sofreram um abate muito violento após 64. E a 3ª que foi a consolidação do trabalho quando grupos de moradores começaram a procurar a Famerj para ajudar a fundar as AMs.

JÓ REZENDE — Evidentemente que a melhor avaliação é aquela da própria comunidade e dos companheiros que participaram dessa construção. No entanto, considero um dos períodos mais importantes da organização social na nossa Cidade e no nosso Estado. A experiência da Famerj repercutiu em todo o País e ajudou a tomada de consciência de nosso povo quanto aos seus direitos e ao exercício de sua cidadania. Foram gestões de equipe, seis anos de trabalho com companheiros que se tornariam líderes experientes e expressivos.

CHICO ALENCAR — Pra mim a minha gestão começou em 83 e foi até 87, pois na época do Jó, eu

fazia parte da espinha dorsal da diretoria, inclusive junto ao Almir. Durante a gestão propriamente dita estávamos passando por um momento de consolidação do movimento. Procurava-se criar canais pro movimento comunitário que permitissem a sua federalização. Na verdade, essa tarefa ainda não acabou. Os recursos da habitação propiciaram uma infra material. Maior solidez política, ou seja, cada liderança começando a entender que a zonal, a federação, etc, são eles que se devem preservar, mas ainda é uma tarefa difícil a ser construída. Procuramos preservar o caráter plural em termos de expressão e manifestação comunitária. O movimento é popular e não proletário. É sempre muito dinâmico, cheio de idas e vindas. Subidas e descidas. É frágil. E uma diretoria vai sempre expressar isso e deve manter a chama, estimular a luta do movimento. Um dos grandes problemas que enfrentamos sempre, é que somente metade da diretoria eleita assume o trabalho, os outros começam a desaparecer.

No final da gestão houve uma crise de participação, que atinge toda a vida brasileira, a da desesperança e da descrença, com a desvalorização da própria força do povo.

Quatro anos de direção da Famerj me ensinaram mais que os meus 4 anos de Faculdade de História e o meu grande mestre foi o povo simples, que apesar de todas as dificuldades persistia na luta.

ALMIR PAULO DE LIMA — A avaliação que fazemos de nossa gestão significa um enorme esforço de vencer o atual quadro político que atravessa o movimento popular como um todo, de dificuldades de mobilização e participação, de contribuir no debate sobre o papel das AMs buscando, decisivamente, transformar o movimento num amplo movimento de massas, de caráter político-cultural, dinâmico e vivo e que faça avançar a luta por uma sociedade justa e igualitária.

JF — Como vocês vêm a atuação da Federação hoje?

CÉZAR CAMPOS — Vejo uma grande responsabilidade nos que estão dirigindo a entidade hoje, porque é um momento muito importante do Brasil e ela deve ter uma estratégia que esteja de acordo com o momento decisivo que vivemos no país.

Quando a Famerj surgiu, a realidade era diferente, hoje o país está mais democratizado. Por isso, não pode ter a mesma estratégia daquela época, com o governo autoritário. A postura, o espaço de negociação e os instrumentos começam a ser outros. A estratégia é importante pois um estado democrático sobrevive pelo espaço de negociação das diversas forças que compoem uma sociedade. Mas você só negocia se tem propostas, senão, vira apenas um juiz. Por isso, o movimento deve ter propostas consistentes para poder ocupar o espaço de negociação que o Estado garante.

JÓ REZENDE — Minha avaliação da Famerj hoje é positiva. A entidade vive os conflitos e contradições naturais de uma entidade representativa e democrática. A dificuldade de mobilização e organização de nosso povo é, e sempre foi, muito grande. Assim, como a diretoria atual da Famerj, todos sabemos que este desafio tem de ser enfrentado.

O companheiro Almir, que tem uma longa e importante história de contribuição na luta comunitária, juntamente com os demais companheiros da diretoria da Famerj, vem administrando bem estes desafios. E estamos ao lado desta diretoria no fortalecimento da nossa entidade.

CHICO ALENCAR — Ela vive um momento difícil. A crise de participação que já vivíamos, se acentua a nível da Federação. Continua a falta de renovação de lideranças. Temo a retórica muito doutrinária de uma determinada concepção. A linguagem pouco

criativa dos chavões pode afastar muita gente, mas entendo que a tarefa da superação dessas dificuldades é do movimento como um todo e não simplesmente da diretoria. Sou testemunha da dedicação de alguns companheiros que estão aí, conduzindo a entidade até com sacrifício de sua vida pessoal e profissional.

Claro que tudo é agravado pela crise financeira que leva uma entidade autônoma, a ter dificuldades para manter os seus instrumentos de comunicação.

ALMIR PAULO DE LIMA — O momento é de desafios. Desafios que vão desde a dificuldade de mobilização e tentativas de cooptação e divisão do movimento por parte dos governos até o abandono dos nossos bairros.

Não temos nenhuma fórmula mágica que consiga mudar essa situação de uma hora para outra, mas temos a consciência da necessidade de intensificar nosso trabalho de organização, interiorizar o movimento, consolidar as zonais e municipais com propostas efetivas para fazer face à nova conjuntura política. Realizar, de fato, um trabalho de troca de experiências, informações, educação popular e formação junto às lideranças.

Não podemos esquecer que vivemos uma crise urbana que é fruto da política econômica dos monopólios que, visando o lucro, provocam a deterioração das condições de vida, tendo como aliado o Estado. Daí, temos a convicção de que o movimento atual para ter vitórias concretas tem que passar por intensas mobilizações populares. Nossa tarefa consiste em intensificar a luta contra o governo da Nova República e conquistar as eleições diretas para presidente exigindo dos candidatos um plano de governo claro e compromissado com o movimento popular, que satisfaça as nossas reivindicações.

Portanto, precisamos da ampla participação das AMs nas reuniões

e encontros das Zonais, Municipais e do Conselho de Representantes da Famerj. Precisamos de reflexão e debate. Precisamos botar o movimento na rua.

JF — Na opinião de vocês, quais são as perspectivas para a Famerj e para o movimento comunitário?

CEZAR CAMPOS — O movimento comunitário está ligado diretamente à capacidade de negociar e construir propostas consistentes. Se ele tiver a mesma estrutura e estratégia desenvolvida anteriormente, talvez coloque em risco a sua própria sobrevivência porque a realidade hoje é outra.

JÓ REZENDE — O que posso dizer é que ao lado do Governo temos feito o esforço que podemos para tornar os Conselhos Governo-Comunidade um canal permanentemente aberto, legítimo, nessa relação entre a comunidade e o governo. E o que tenho de sugestão é que os companheiros continuem em frente e contem com nossa colaboração, nossa participação e nosso apoio.

CHICO ALENCAR — Enquanto existirem Associações de Moradores, a Famerj vai existir. Vai estar viva.

ALMIR PAULO DE LIMA — Superar os desafios, consolidar as propostas e tendo consciência que não podemos ficar nessa coisa "intra", que é ficar só entre nós. Temos certeza de que vamos avançar.

Intensificar o debate é a perspectiva para que todos os militantes do movimento possam, o tempo todo, estar contribuindo para que a Famerj e as AMs se fortaleçam e se transformem cada vez mais num amplo movimento de massas. Não podemos perder a criatividade, a democracia interna e a luta de preservação e autonomia do movimento.

A Famerj no Estado

Relação das Federações Municipais:

MAB — Nova Iguaçu

ABM — São João de Meriti

MUB — Duque de Caxias

FAMPE — Petrópolis

COMAMEA — Magé

UNIBAIRROS — São Gonçalo

FAMNIT — Niterói



COMAM-BM — Barra Mansa

COMAM — Valença

COMAMOR — Friburgo

COMAM — Três Rios

FEMASNPA — São Pedro D'Aldeia

FRAMI — Itaguaí

FAMAR — Maricá

CONAM-VR — Volta Redonda

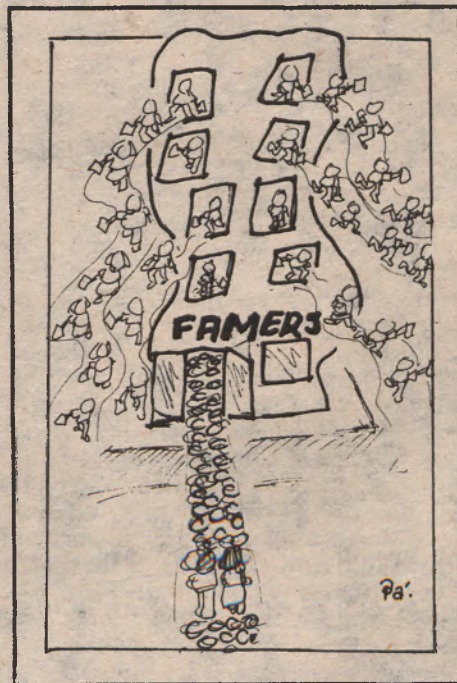
FAMAC — Campos

COMAM — Angra dos Reis

FAMI — Itaboraí

FAM-TE — Teresópolis

FAMAC — Arraial do Cabo



Relação das Zonais do Município:

Barra/ Jacarepaguá

Santa Cruz

Campo Grande

Bangu

Auxiliar

Suburbana

Centro

Ilha do Governador

Leopoldina

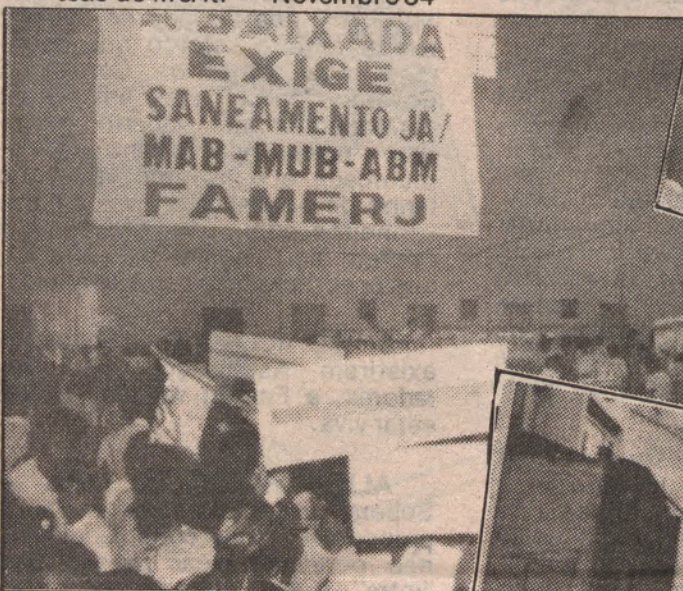
Norte

Sul

Retratos de nossas lutas



Moradores levam suas reivindicações às ruas de São João de Meriti — Novembro 84



Abertura do congresso da Unibairros

EVOLUÇÃO DO SIMBOLO

José Francisco **FAMERJ** Hugo Hamard **FAMERJ**

Morador → casa

Casa → Comunidade

União → Associação de Moradores

Síntese **AM** Símbolo



Zonal Bangu

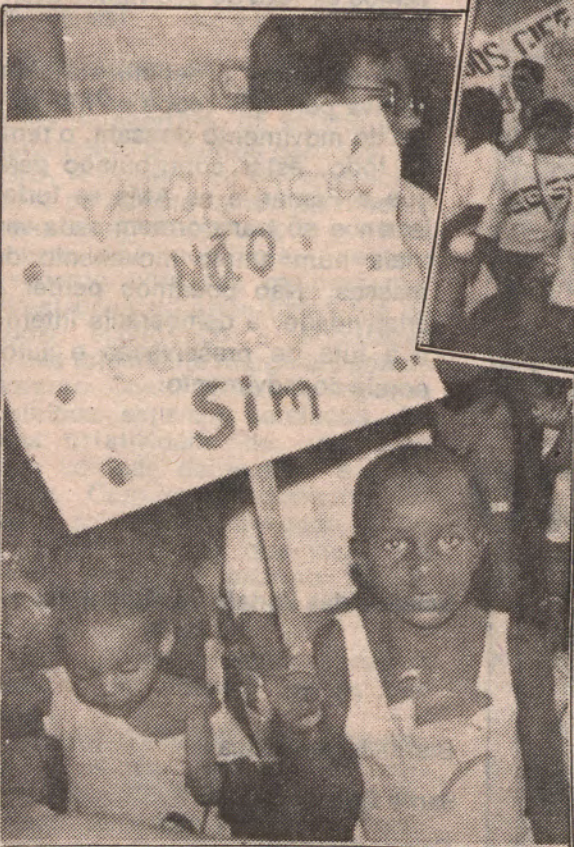
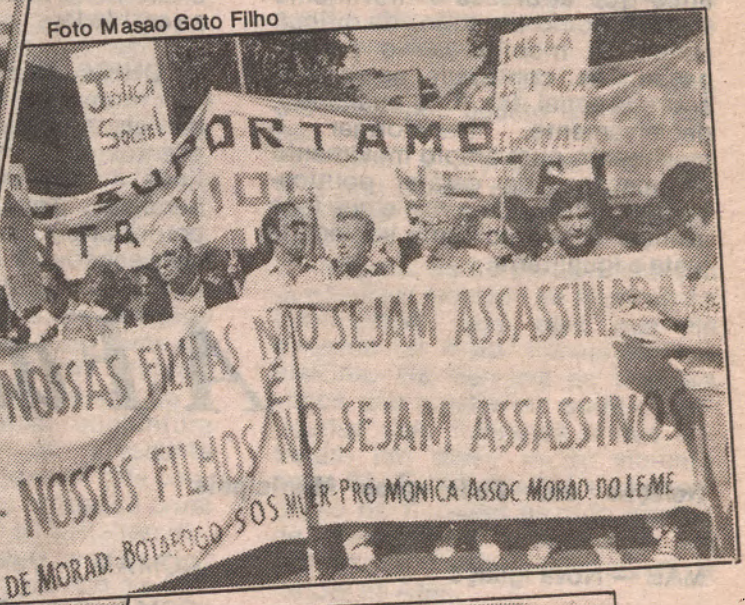


Foto Masao Goto Filho



FEDERAÇÃO DAS ASSOCIAÇÕES DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

PARA QUE... NOSSAS FILHAS NÃO SEJAM ASSASSINADAS E NOSSOS FILHOS NÃO SEJAM ASSASSINADOS



Encontro com os candidatos ao governo do Rio — 1982



Criação da Zonal Campo Grande